

Sobre o olhar ocidental: arte africana, pós-colonialismo e a criação do Humboldt-Forum

Amanda Carneiro Santos*

A museologia contemporânea é marcada por novas reflexões relativas à democratização dos museus, a debates identitários, a questionamentos sobre representação e a validade de discursos hegemônicos. Diante de tais questões, os museus se veem provocados a repensar seus discursos, curadoria e interação com o público e as comunidades envolvidas a eles. O presente artigo, utilizando o Museu Etnológico de Berlim como caso, pretende lançar luz à agenda de debates no que diz respeito à mediação de sua coleção de arte africana.

Os museus da Alemanha são reconhecidos por suas enormes coleções da cultura material africana. A própria fundação do Museu Etnológico de Berlim é resultado da premissa de Adolf Bastian em salvaguardar as culturas que poderiam desaparecer no contato com a Europa¹. A formação de tais coleções está inserida em contextos de grandes questões históricas que reverberam ainda hoje, tais como a pilhagem, o colonialismo e a racialização humana. Atualmente, em um processo de propor outras leituras da história e repensar práticas, está em voga pautar a discussão sobre o legado colonialista na construção dos discursos acerca das coleções de arte e de cultura material dos povos não ocidentais, com declaradas intenções de ampliar perspectivas e abarcar as múltiplas vozes envolvidas com a coleção do Museu Etnológico de Berlim². A razão dessa preocupação se explica, em parte, porque o complexo de Dahlem terá sua coleção transferida para o Humboldt-Forum, com previsão de abertura em 2019. Este novo complexo abrigará museu, biblioteca e universidade e está sendo construído no centro de Berlim, de frente para a ilha de museus.

Sua construção é controversa. Depois de 15 anos de debates sobre o futuro da ilha dos museus a margem do rio Spree em Berlim, o parlamento alemão decidiu, em

*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo

¹ Catalago do museu etnologico de berlim

² The Ethnologisches Museum's Mission em <http://www.smb.museum/en/museums-and-institutions/ethnologisches-museum/home.html>

2002, pela reconstrução do histórico palácio prussiano que havia sido parcialmente destruído durante a II Guerra Mundial e que alocou, posteriormente a sua derrubada total, a construção do palácio da República Democrática Alemã. Com a reunificação, o palácio da RDA foi demolido, ocasionando discussões sobre a preservação da memória da república democrática alemã (oriental) e sobre os gastos com um empreendimento de tamanha envergadura. A transferência da coleção do museu etnológico também é tema polêmico, a construção do prédio e a realocação deste acervo abriu caminho para discussões sobre colonialismo, pos-colonialismo e museologia, inclusive com a criação de um movimento político contrário ao projeto, o NoHumboldt²¹.

O contexto de formação e a história dos museus no ocidente, salvaguardadas suas dimensões de complexidade e seus distintos paradigmas, guardam, como características em comum, a vinculação com a cultura dominante e a perspectiva ocidental sobre a história e o mundo. Se o museu reúne representações coletivas, a mediação pode desempenhar o papel de questionar e refletir junto ao público tais representações.

Os museus etnológicos no ocidente e suas respectivas coleções de arte africana podem apresentar um complexo jogo de representação e construção de narrativas relativas ao modo de ver as culturas e as artes não ocidentais. Neste sentido, a apropriação dos chamados estudos subalternos ou de teorias pós-coloniais tem servido a uma mediação que considera a perspectiva do outro. Contudo, a situação dos povos outrora colonizados e que migram em massa para a Europa em situação precária questionam, do lado de fora do museu, o discurso de multiculturalidade que o Humboldt-Forum reivindica.

A história do museu ocidental como instituição que constrói a história do mundo sob a égide europeia, essencialmente linear e hierárquica, passa por tais questionamentos desde meados do século XX. Diversos estudos começam a apontar para outra forma de compreender as narrativas produzidas por museus e que respondem a problemas contemporâneos. Entra em cena o público, novas vozes na construção de discursos, conceitos como de democracia cultural³ e a afirmação da diversidade, a

³ (que compreende a diversidade cultural, “o museu moderno, universidade para o povo através dos objetos, é um museu que pode abarcar a totalidade da comunidade que pretende servir” (rojas e trallero, 1979, p.20)



multidisciplinaridade. O museu deixa de ser um espaço de e para especialistas, não é mais local apenas de pesquisa, mas também espaço de diálogo suscitado por essa mesma atividade e, em busca de uma gestão mais democrática, passar a ser potencialmente um território de todos, onde é possível travar diálogo com público menos elitizado e, principalmente, com sua própria comunidade.

Os desafios se balizam justamente em adotar perspectivas que lidem com as realidades locais, muitas vezes contraditórias, e o discurso de uma coleção que tem um passado em eterno retorno. Questionar o colonialismo não parece ser resolvido na mudança de tratamento das coleções não ocidentais quando a comunidade ligada a tais coleções é questionada, do lado de fora, do seu valor e não integrada socialmente em uma sociedade que concede cidadania a diversidade.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Emanuel (curador). O Museu Afro Brasil (catálogo). São Paulo: Banco Safra, 2010.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François. (org.) Conceitos-chave de Museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

JUNGE, Peter (curador). Arte da África – obras primas do Museu Etnológico de Berlim (catálogo). São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

MARTINS, Luciana Conrado (Org.). Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013.

PRICE, Sally. Primitive Art in Civilized Places. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

ROJAS, Roberto & CRESPIÁN, José Luis & TRALLERO, Manuel. Os museus no mundo. Rio de Janeiro: SALVAT, 1979.

SALUM, Marta Heloisa Leuba. A madeira e seu emprego na arte africana: um exercício de interpretação a partir da estatuária bantu. 1996. Tese (doutorado) – FFLCH/USP, São Paulo.



SIMS, Lowery Stokes. Collecting the art of African-americans at the studio museum in Harlem – positioning the “new” from the perspective of the past. IN: ALTSHULER, Bruce. Museums and Contemporary Art - Collecting the New. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

WILLETT, Frank. African Art. London: Thames and Hudson, 1971.